



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 2, N. 10, abril/2022



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 2, N. 10, março/2022

Reitoria

Reitora Fátima Maria Fernandes Veras

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Allisson David de Oliveira Martins

Coordenador Curso de Economia UNIFOR / Núcleo de
Pesquisas Econômicas - UNIFOR

Prof. Ricardo Eleutério Rocha

Curso de Economia UNIFOR / Coordenador do Núcleo
de Pesquisas Econômicas – UNIFOR

Prof. Felipe Bezerra dos Santos

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Francisco Alberto Lima de Oliveira

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Maurício Teixeira Rodrigues

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor

EDIÇÃO

Prof. Wagner Borges

Curso de Jornalismo UNIFOR

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Aldeci Tomaz

Curso de Jornalismo UNIFOR



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 22ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião do Professor Doutor da Universidade de Fortaleza, Afonso Carneiro Lima, intitulado “**Economias de Aglomeração: Bases do Desenvolvimento Econômico Regional**”. Na sequência da presente edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia internacional; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil. Na última seção do Boletim, destaque para a evolução das ações das empresas cearenses listadas em bolsas de valores, medida pelo **Índice de Ações Cearenses - IAC do Núcleo de Pesquisas Econômicas da UNIFOR**.

Boa Leitura!

OPINIÃO:

ECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO: BASES DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL

Afonso Carneiro Lima¹

A pesar das diversas perspectivas sobre o tema desenvolvimento econômico, todas elas geralmente partem do seguinte questionamento: como criar condições favoráveis para que indivíduos possam ter suas necessidades econômicas mínimas atendidas de maneira sustentável (não me refiro aqui estritamente a questões ambientais, mas a continuidade)? Ainda que uma resposta efetiva ao desenvolvimento seja naturalmente complexa e longe de decisões centralizadas, há uma luz no fim do túnel e, por incrível que pareça, uma luz oferecida há mais de um século.

Essa resposta se dá pelas chamadas economias de aglomeração, especificamente, clusters setoriais, concentrações geográficas de setores relacionados, envolvendo empresas, fornecedores, prestadores de serviço, agências governamentais e outras instituições de apoio. Evidenciada em diversos contextos, como a região central do estado da Califórnia, nos Estados Unidos, a região da Baviera, sul da Alemanha, ou a cidade de São José dos Campos e adjacências, estado de São Paulo, os clusters setoriais ensinam valiosas lições sobre desenvolvimento. Cada uma dessas regiões abriga um conjunto vibrante e dinâmico de empresas (você saberia apontar quais setores econômicos se destacam em cada região?²) capazes de transformar a realidade local e regional em termos de geração de postos de trabalho qualificados, de investimentos produtivos e aumento de arrecadação de impostos.

Especificamente, os clusters setoriais podem oferecer respostas efetivas aos desafios de desenvolvimento de uma região de diferentes maneiras. Inicialmente, a simples concentração de empresas de um setor em uma área por si só já tem o potencial de estabelecer um mercado relevante para clientes que buscam produtos e serviços nesse setor, aumentando assim o volume de transações entre empresas. Em segundo lugar, com o resultado da competição entre empresas do setor na região, há a tendência de aperfeiçoamento de produtos e serviços por meio da rápida disseminação de melhores práticas e de novos processos que, além de beneficiar o próprio mercado, torna as empresas mais preparadas a buscarem mercados mais distantes, tendo-se em última instância uma possível expansão internacional. Nesse movimento, as empresas também percebem a importância da inovação - a introdução de novos produtos e serviços capazes de satisfazer novas e emergentes necessidades de pessoas e de organizações - para o sucesso empresarial. Em última instância, essa dinâmica criada a partir da aglomeração setorial permite que as empresas ali inseridas tenham considerável vantagem em relação àquelas que não fazem parte do aglomerado. Em suma, empresas inseridas em um cluster podem se tornar mais produtivas e mais inovadoras.

Mas o que isso tem a ver com o desenvolvimento econômico? Bem, para a manutenção dessa dinâmica, há a necessidade de ativos subjacentes: pessoas (além de capacitações e treinamentos), reinvestimento em bens de capital e, fundamentalmente, cooperação com outros atores, i.e., universidades, organizações de apoio e governo. Naturalmente, o desempenho empresarial não se faz apenas com tecnologia, benefícios fiscais, estratégia. Assim, a fim de prover sustentação a uma dinâmica competitiva possível a partir de clusters, a geração de postos de trabalho de maior valor agregado, o trabalho baseado em conhecimento e investimentos de longo prazo se tornam essenciais, porém, possíveis a partir da cooperação entre diferentes organizações e lideranças, inclusive em

¹ Professor da Unifor.

² Quanto às regiões mencionadas e setores econômicos que lhes trazem reconhecimento:

- A região central do estado da Califórnia, Estados Unidos, é reconhecidamente famosa pelo Vale do Silício, conjunto de cidades que sediam grandes empresas do setor de tecnologia e informática, bem como empresas e produtores do setor de vinhos dos mais valorizados no mundo.
- A região da Baviera, no sul da Alemanha, concentra empresas do setor automotivo, como BMW e Mercedes Benz, e seus principais centros de inovação.
- São José dos Campos e adjacências sediam um importante cluster aeroespacial, liderado pela histórica relação de colaboração entre o ITA e a Embraer. A Embraer é uma das empresas brasileiras de maior sucesso internacional com produtos reconhecidos pela sua excelência.

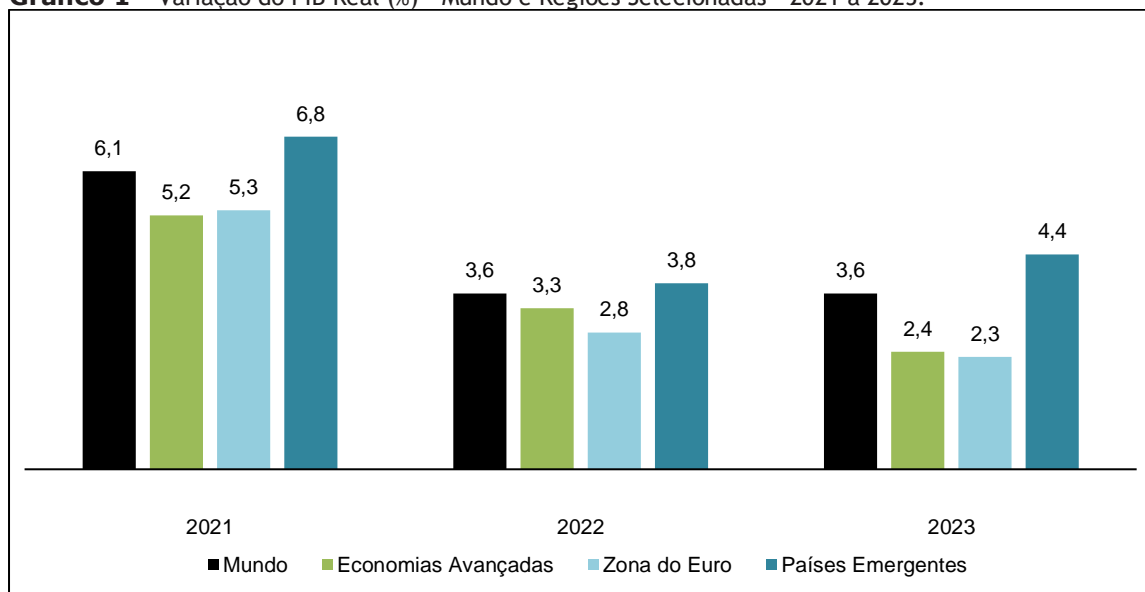
âmbito internacional. Estes são os ingredientes para o aumento, sustentável, da renda econômica das regiões, isto é, do desenvolvimento econômico.

Uma vez que cada região apresenta sua respectiva vocação econômica e singularidades histórica e geográfica, relatos de sucesso de clusters de dada região podem não se reproduzir em outro contexto. Iniciativas de desenvolvimento focadas em aglomerações setoriais, em especial clusters, requerem uma investigação detalhada sobre as vocações econômicas de dada região e o mapeamento dos atores (empresas e outras organizações) que compõem os setores-chave identificados e suas potencialidades. Somente isso pode fornecer o apoio a estratégias e políticas públicas mais realistas para a consecução dos objetivos de desenvolvimento econômico. Resta a conscientização de que nada pode ser alcançado sem as relações de colaboração entre empresas, instituições de apoio e governo. Talvez este seja o grande mérito dos clusters setoriais enquanto perspectiva de desenvolvimento econômico: a necessidade de colaboração como núcleo dos esforços - a interdependência das decisões em diversas instâncias e em diferentes esferas para se atingir os objetivos de desenvolvimento e o reconhecimento de que cada um de nós, atores organizacionais, detém responsabilidade perante este objetivo.

PANORAMA INTERNACIONAL

O Gráfico 1 apresenta as estimativas do Fundo Monetário Internacional - FMI para as taxas de crescimento real do PIB mundial Economias avançadas, zona do euro e países emergentes, com dados realizados para o ano de 2021 e previsões para 2022 e 2023. A previsão de crescimento da economia global encontra-se em 3,6% em 2022 e 2023, sendo previsões menores quando comparada com as previsões da pesquisa anterior realizada pelo FMI, e menores do que o realizado em 2021 (6,1%). A desaceleração de crescimento para 2022 e 2023, ainda é reflexo dos efeitos da pandemia, mas hoje sofre maior influência do cenário geopolítico internacional, que vem aumentando as incertezas do mercado financeiro principalmente por conta da guerra na Ucrânia. O aumento da inflação global, causada principalmente pela desestruturação da cadeia global de produção, que vem sendo a principal razão para a desaceleração da economia mundial. Os países emergentes registram taxas de crescimento superiores às economias avançadas e da zona do Euro, explicadas em grande parte pelo aumento das exportações de *commodities*, atrelada ao aumento dos preços internacionais desses produtos.

Gráfico 1 - Variação do PIB Real (%) - Mundo e Regiões Seleccionadas - 2021 a 2023.

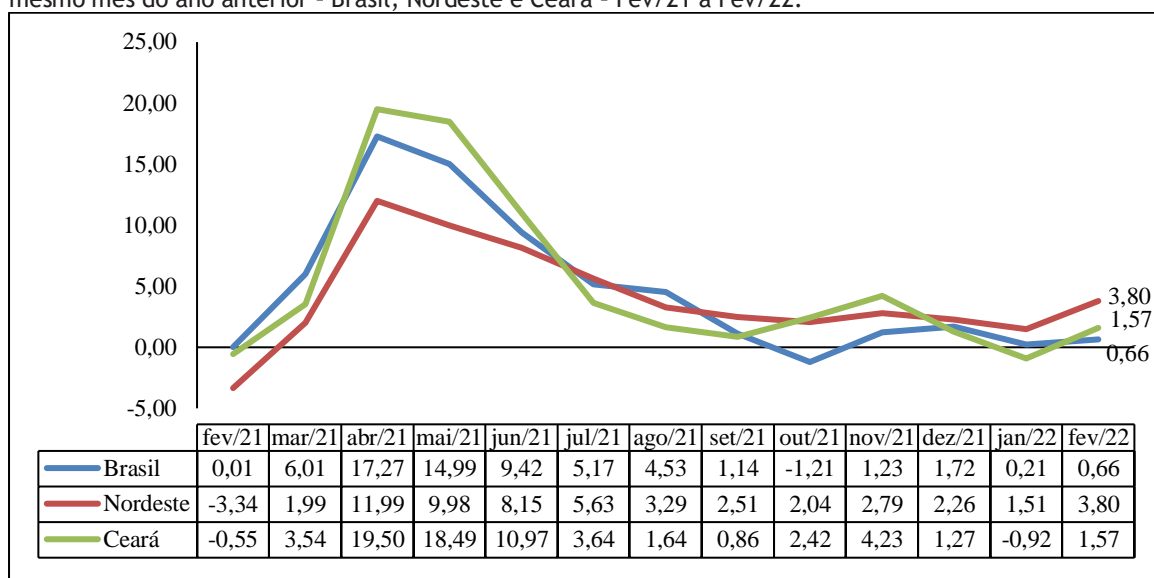


Fonte: FMI. World Economic Outlook, Abr (2022). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

A ATIVIDADE ECONÔMICA NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

O índice de atividade econômica do Brasil registrou um crescimento de 0,66% para o Brasil em fevereiro de 2022, quando comparado com o mesmo período do ano anterior (Gráfico 2), o que pode ser considerado uma boa melhora em relação a ao mesmo período do ano passado, quando em fevereiro de 2021 a economia registrou praticamente um crescimento nulo (0,01%). A região Nordeste e o Ceará registraram crescimento superior ao Brasil para o mesmo período de análise, 3,38% e 1,57%, respectivamente, o que também representa uma boa melhora visto que neste mesmo período do ano anterior esses índices apresentaram retrações para o Nordeste (-3,34%) e o Ceará (-0,55%). No geral o IBC aponta para resultados da atividade econômica melhores do que o mês de janeiro de 2022, e bem superiores do que fevereiro de 2021, quando o Brasil, Nordeste e Ceará sofriam os impactos negativos da segunda onda da pandemia do COVID, onde muitas atividades econômicas encontravam-se paralisadas em decorrência das restrições sanitárias.

Gráfico 2 - Crescimento mensal (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC) - mês contra mesmo mês do ano anterior - Brasil, Nordeste e Ceará - Fev/21 a Fev/22.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

Segundo as estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), para o mês de abril (Tabela 1), a produtividade nacional apresentou um crescimento de 0,9%, favorecendo para que a produção total das culturas de soja, feijão, milho e trigo seja em torno de 269,3 milhões de toneladas na safra de 2021/2022, refletindo um aumento de 5,4% em relação à safra de 2020/2021. Em relação a área plantada, o Brasil teve um crescimento de 4,4% quando comparado as safras de 21/22 frente a safra de 20/21. Para a região nordeste é estimada uma produção de 26,9 milhões de toneladas para a safra 21/22, 13,8% maior que a safra 20/21. O índice de produtividade da região registra um aumento 7,5% e uma variação na área produtiva positiva de 5,8%. A estimativa da produção total do Ceará é de 652,3 mil toneladas para a safra de 21/22, aumento de 9,9% em relação a safra de 20/21. A produtividade da produção de grãos cearense, mais uma vez, ficou acima da média nacional registrando um aumento de 11,1%, juntamente com a região nordestina (7,5%), mesmo com uma retração na área plantada (-1,1%).

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados (*) - safras 2020/21 e 2021/22 (**) - Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %
Ceará	942,9	932,6	-1,1	629,4	699,4	11,1	593,5	652,3	9,9
Nordeste	8.546,7	9.044,6	5,8	2.773,8	2.982,9	7,5	23.706,6	26.979,5	13,8
Brasil	69.782,6	72.877,2	4,4	3.661,5	3.695,4	0,9	255.506,7	269.312,7	5,4

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale;

(**) São estimativas geradas pelo Conab em abril de 2022.

O Setor da Indústria

Conforme demonstrado na Tabela 2, o setor industrial brasileiro teve uma queda de 5,7% de janeiro a fevereiro de 2022, comparado ao mesmo período de 2021. O setor da Indústria tem sido afetado pela falta de insumos e pela alta nos preços das matérias-primas e de custos como o da energia elétrica. O setor que teve a maior queda no Brasil foi o de fabricação de móveis (-31,3%), seguido do setor de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados (-21,3%). Outro setor que teve uma queda significativa foi o de confecção de artigos de vestuário e acessórios (-20,2%). Um dos motivos da retração do setor industrial se deve ao cenário de guerra entre a Ucrânia e a Rússia, além do surto da variante Ômicron na China, que tem causado interrupção na produção do país. Alguns setores tiveram alta no Brasil como, por exemplo, a fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis (7,6%), fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores (20,6%).

No Ceará, a única atividade industrial que registrou crescimento foi a metalurgia (9,6; por outro lado, a maior queda foi na confecção de artigos do vestuário e acessórios (-45,2%), seguida pela fabricação de couros e fabricação de artefatos de couro (-30,5%). Já no Nordeste, o destaque positivo foi a produção de Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis (12,8%), enquanto a maior queda ocorreu na produção de veículos automotores, reboques e carrocerias (-30,9%).

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais- Brasil, Nordeste e Ceará - Acumulado em 2022⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	-6,1	-5,8	-20,1
Produtos alimentícios	2,9	7,6	-5,6
Bebidas	-6,4	-17,9	-15,5
Produtos do fumo	2,1	-	-
Produtos têxteis	-23,3	-23,4	-8,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-20,2	-21,1	-45,2
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-21,3	-22,8	-30,5
Produtos de madeira	3,5	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	-2,3	-15,5	-
Impressão e reprodução de gravações	1,1	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	7,6	12,8	-14,6
Sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	-10,2	-	-
Outros produtos químicos	-4,6	1,6	-28,5
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-11,2	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	-17,3	-18,1	-
Produtos de minerais não-metálicos	-6,1	-4,7	-2,8
Metalurgia	-5,8	-26,3	9,6
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-16,4	-8,8	-6,8
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-6,7	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-17,3	-22,0	-31,6
Máquinas e equipamentos	-4,5	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-17,0	-30,9	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	20,6	-	-
Móveis	-31,3	-	-
Produtos diversos	-6,5	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	2,2	-	-
Indústrias extrativas	-3,1	-12,8	-
Indústria geral	-5,7	-6,2	-20,1

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2022 a fevereiro/2022 (Base: igual período do ano anterior).

O Setor de Serviços

De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo IBGE, nota-se que o setor de serviços no Brasil registrou um crescimento de 8,4% no acumulado do ano até fevereiro de 2022, comparado com o mesmo período do ano anterior. Analisando as atividades que constituem o setor, destacam-se as categorias de Serviços prestados às famílias e Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio com expansões de +18,5% e +14,5%, respectivamente. Já a atividade Outros serviços (-1,3%) foi a única a registrar queda para o Brasil.

Analisando a Tabela 3 verifica-se que os estados Ceará (+14,2%), Bahia (+10,2%) e Pernambuco (+14,2%) cresceram acima do Brasil, com destaques para Serviços prestados às famílias no Ceará (+33,3%) e Bahia (+35,9%), Serviços de informação e comunicação no Ceará (20,6%) e Outros serviços no Ceará (+24,1%) e Pernambuco (+23,7%). Em direção oposta, apenas Serviços de informação e comunicação na Bahia (-2,3%) registrou retração.

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado em 2022⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	18,5	33,3	16,1	35,9
Serviços de alojamento e alimentação	19,1	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	15,6	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	3,7	20,6	1,8	-2,3
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	3,2	-	-	-
Telecomunicações	-6,2	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	17,8	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	8,1	-	-	-
Serviços profissionais administrativos e complementares	7,4	8,5	13,0	7,5
Serviços técnico-profissionais	7,5	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	7,3	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	14,5	3,4	10,2	19,7
Transporte terrestre	15,3	-	-	-
Transporte aquaviário	18,4	-	-	-
Transporte aéreo	47,8	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	5,8	-	-	-
Outros serviços	-1,3	24,1	23,7	4,3
Total	8,4	14,2	10,2	14,2

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2022 a fevereiro/2022 (Base: igual período do ano anterior).

Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

A Atividade do Comércio

Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) realizada pelo IBGE, o comércio varejista brasileiro apresenta resultados negativos no período acumulado em relação à última pesquisa. Ainda que “modesta”, o Comércio varejista no Brasil apresentou queda de -0,1% e queda de -0,6% no Comércio varejista ampliado.

Analisado os três principais estados nordestinos: Ceará, Pernambuco e Bahia, o cenário não foi tão diferente do nível Brasil. No Ceará, a queda foi de -1,8%, sendo este o menor entre os três estados analisados. Pernambuco apresentou uma queda significativa de -7,7%, tendo como setor mais afetado o de Eletrodomésticos, com a expressiva retração de -35,9% no acumulado. O estado baiano apresentou queda de -5,5% e isto também se deveu em grande medida ao setor de Eletrodomésticos, que recuou em -31,7%. No tocante a Comércio varejista ampliado, o cenário melhora. O estado do Ceará liderou o crescimento, apresentando +2,8% no acumulado, seguido por Pernambuco com +2,5% e Bahia, mais modesta, com +0,2%.

Foram analisados dez grupos principais de atividades de comércio, tendo metade apresentado crescimento em âmbito nacional, a saber: Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios,

bebidas e fumo, que apresentaram crescimento de (+0,5%); Hipermercados e Supermercados (+0,1%); Tecidos, vestuário e calçados (+5,1%); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+11,9%) e por fim, o setor de Livros, jornais, revistas e papelarias (+21,0%), sendo este o setor que mais cresceu dentre os analisados.

Analisando o comércio nordestino, é importante destacar o crescimento observado no setor de Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, que apresentou o maior crescimento no estado da Bahia com (+24,3%) e um crescimento significativo em Pernambuco, com (+10,8%). Este cenário se dá ainda pela consequência da pandemia, mesmo com a flexibilização do uso de máscaras, a busca por este produto no mercado farmacêutico mantém-se em alta, além obviamente dos medicamentos, muito requeridos em meio a um cenário de viroses e outras doenças que possuem alto nível de transmissão.

Além do setor acima referido, outros dois se destacaram positivamente no crescimento nacional e regionalmente: Livros, jornais, revistas e papelarias, muito por conta da volta as aulas presenciais, que incrementou a busca por material escolar e de papelaria no geral; e Veículos, motocicletas, partes e peças. No cenário negativo, destacam-se principalmente os eletrodomésticos, altamente afetados pela tarifa de Bandeira Vermelha, dada a crise hídrica que se alastrou no país e provocou aumento significativo na conta de energia do brasileiro, além dos preços que naturalmente são elevados neste setor e sujeitos à influência das variações cambiais.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado em 2022⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	-0,1	-1,8	-7,7	-5,5
Combustíveis e lubrificantes	-3,6	-3,2	-5,9	-16,4
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,5	-1,3	-8,4	-5,0
Hipermercados e supermercados	0,1	-4,3	-9,6	-5,5
Tecidos, vestuário e calçados	5,1	4,2	-4,5	6,4
Móveis e eletrodomésticos	-11,9	-17,1	-31,9	-30,5
Móveis	-6,6	-19,1	-19,9	-30,3
Eletrodomésticos	-14,6	-16,6	-35,9	-31,7
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	11,9	7,4	10,8	24,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	21,0	13,6	9,9	15,4
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-7,4	-6,5	29,0	6,4
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-3,0	-2,1	-11,9	1,4
Comércio varejista ampliado	-0,6	2,8	2,5	0,2
Veículos, motocicletas, partes e peças	1,5	6,7	29,9	21,5
Material de construção	-8,0	22,0	-12,2	-11,3

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2022 a fevereiro/2022 (Base: igual período do ano anterior).

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Na Tabela 5, nota-se uma forte retomada no mercado de trabalho brasileiro desde o ano de 2020, que foi bastante impactado pela pandemia do covid-19. No Brasil, apenas no mês de dezembro de 2021, observa-se um saldo negativo na geração de mais empregos (- 265,8 mil) e uma variação negativa de - 0,69% onde os desligamentos prevaleceram frente as admissões. Em março de 2022, registrou-se um saldo positivo no Brasil, onde as admissões foram superiores aos desligamentos (+136,2 mil). Tudo indica que, com a persistência da vacinação em massa e da redução das medidas de isolamento social, houve uma retomada nos postos de trabalho antes afetados pela pandemia do covid-19, contribuindo com uma maior geração de novos empregos.

Quanto ao Nordeste, em março de 2022, o saldo foi negativo, onde os desligamentos foram mais presentes do que as admissões (-5,0 mil). No Ceará, em março de 2022, estamos seguindo com um resultado positivo desde fevereiro, tendo um saldo positivo na relação admissões e desligamentos (+3,4

mil).

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - março/2021 a março/2022 ⁽¹⁾.

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%(²)	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%
mar/21	1.759,8	1.606,3	153,4	0,40	222,2	223,5	-1,3	-0,02	36,6	41,3	-4,7	-0,42
abr/21	1.501,6	1.412,5	89,1	0,23	196,4	182,8	13,5	0,22	32,1	30,9	1,2	0,11
mai/21	1.649,6	1.383,9	265,7	0,68	205,6	170,0	35,6	0,57	33,1	30,4	2,6	0,23
jun/21	1.694,2	1.378,5	315,7	0,81	217,9	168,4	49,5	0,79	39,4	30,9	8,5	0,75
jul/21	1.761,1	1.456,3	304,8	0,77	231,1	178,5	52,6	0,83	44,5	32,7	11,8	1,04
ago/21	1.910,3	1.526,1	384,2	0,97	266,4	180,8	85,6	1,34	49,8	34,3	15,5	1,35
set/21	1.880,8	1.555,4	325,5	0,81	285,5	190,9	94,6	1,46	48,7	35,8	13,0	1,12
out/21	1.830,9	1.583,6	247,3	0,61	245,5	194,7	50,8	0,77	44,5	37,9	6,6	0,56
nov/21	1.849,7	1.541,3	308,5	0,76	242,9	187,1	55,8	0,85	44,6	33,0	11,6	0,98
dez/21	1.471,4	1.755,9	-284,6	-0,69	195,8	213,6	-17,9	-0,27	33,9	35,7	-1,8	-0,15
Jan/22	1.819,7	1.670,1	149,6	0,37	231,0	228,1	2,9	0,04	41,2	43,5	-2,3	-0,19
fev/22	2.048,2	1.718,8	329,4	0,81	250,9	223,8	27,2	0,41	46,6	38,7	7,8	0,66
mar/22	1.953,1	1.816,9	136,2	0,33	240,4	245,4	-5,0	-0,07	44,5	41,1	3,4	0,28
Acumulado do Ano	5.820,9	5.205,7	615,2	1,51	722,4	697,3	25,1	0,38	132,3	123,4	8,9	0,75
Acumulado dos últimos 12 meses	21.370,5	18.799,2	2.571,3	6,64	2.809,3	2.364,1	445,2	7,16	502,9	425,0	77,9	6,94

Fonte: Novo Caged - SEPRT/ME. Elaboração: NUPE/UNIFOR

Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2022 e 2021. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Com base nos dados obtidos pelo MDIC/SECEX em relação às estatísticas obtidas do comércio exterior, o Brasil no acumulado do ano de 2022, apresenta um crescimento das exportações (+29,9%) e importações (+27,1%). Ainda quanto ao acumulado do ano, a corrente comercial brasileira cresceu +28,6% e o saldo comercial +45,9%, (Tabela 6).

Quanto à análise regional, o Nordeste no acumulado do ano apresenta um saldo negativo em milhões de dólares. Em relação às exportações e importações, ambas apresentaram crescimento de +46,7% e +59,7%, respectivamente. O saldo resultante (+80,1%) e a corrente comercial (+54,8%) também apresentaram positivos, seguindo o resultado nacional.

Em relação ao Ceará, o Estado registrou no acumulado do ano variações de crescimento nas exportações (+26,4%), importações (+98,5%) e na corrente comercial (+54,8%), mas com uma variação negativa do saldo (-197,4%).

É perceptível os resultados positivos do comércio exterior brasileiro, algo que desprende e se diferencia da realidade passada pelo início do último período anual.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) - Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾.

País / região e estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%
Brasil								
Março de 2022	29.059	19,4	21.711	21,5	7.348	13,6	50.770	20,3
Acumulado do Ano	43.224	29,9	38.773	27,1	4.451	45,9	81.997	28,6
Acumulado 12 meses	297.439	37,2	232.321	44,3	65.118	16,9	529.760	40,2
Nordeste								
Março de 2022	1.040,3	30,4	1.863	50,8	-823	88,0	2.904	42,8
Acumulado do Ano	1.849	46,7	3.290	59,7	-1.440	80,1	5.139	54,8
Acumulado 12 meses	12.109	45,2	18.880	82,3	-6.771	235,8	30.989	65,7
Ceará								
Março de 2022	161,6	-17,6	493,6	61,9	-332	-205,8	655,2	30,8
Acumulado do Ano	388	26,4	1.003	98,5	-615	-197,0	1.391	54,8
Acumulado 12 meses	2.854	64,5	4.613	84,6	-1.759	-130,4	7.467	76,4

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Variação do acumulado do Ano de janeiro/2022 a março/2022 em comparação com o mesmo período de 2021, enquanto a variação do acumulado 12 meses refere-se ao acumulado de abril/2021 a março/2022 em comparação com o acumulado para o mesmo período anterior.

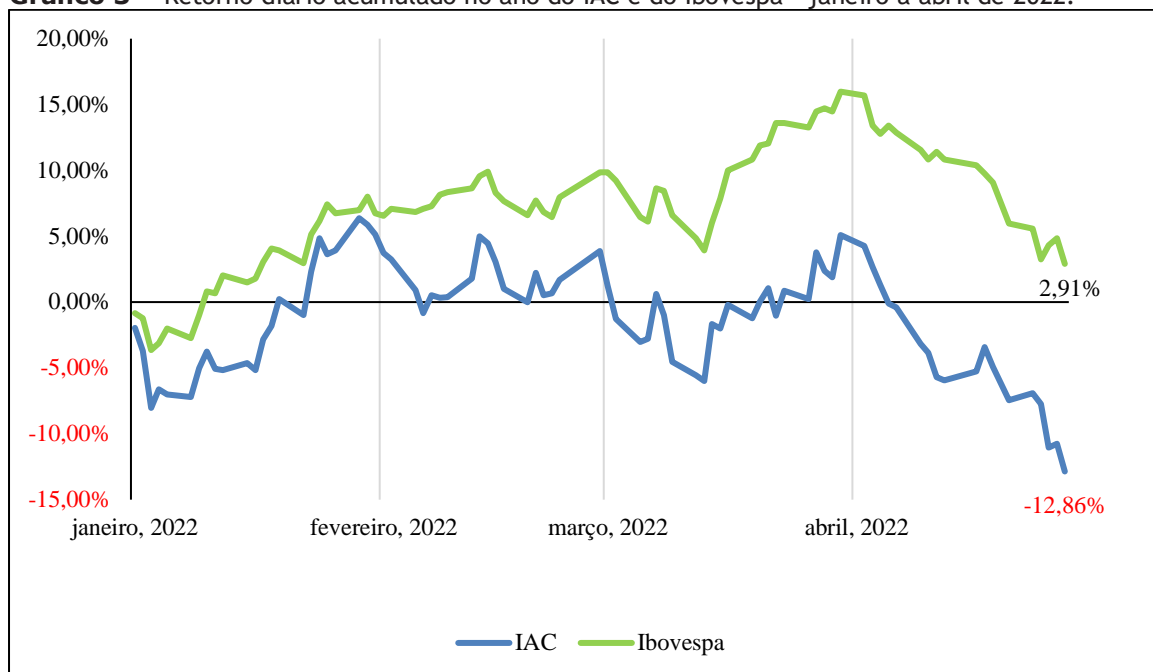
ÍNDICE DE AÇÕES CEARENSES (IAC)

Conforme o Gráfico 3, o Índice de Ações Cearenses (IAC), que mede o comportamento das ações das empresas cearenses registradas em bolsas de valores, acumulou no período de janeiro a abril de 2022 uma baixa de -12,86%.

O índice Ibovespa, que é o indicador do desempenho médio das cotações das ações negociadas na B3 (Brasil Bolsa Balcão), acumulou nos quatro primeiros meses do ano de 2022 uma elevação de +2,91%.

O Ibovespa iniciou o mês de abril com 15,98% acumulados, todavia com as sucessivas quedas o índice encerrou o mês com uma desvalorização de -10,10%. O IAC também iniciou abril em alta, mas fechou o mês com forte desvalorização de -14,46%. No retorno acumulado dos últimos 12 meses, o IAC apresenta desvalorização de -27,11%, enquanto o Ibovespa acumula desvalorização menor, de -9,27%.

Gráfico 3 – Retorno diário acumulado no ano do IAC e do Ibovespa - janeiro a abril de 2022.



Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/Unifor.

Conforme a tabela 7, das 10 ações que compõem o IAC, apenas uma obteve retorno acumulado positivo nos últimos 12 meses: a Grendene (GRND3), com uma alta de 15,67%. Curiosamente, também é a única ação cearense que obteve um retorno positivo no ano de 2022 de janeiro até o final de abril, subindo 9,25%. Com relação ao mês de abril, o único ativo que teve rendimento positivo foi a ENEL (COCE5), com 1,17% de valorização.

A Grendene é uma holding de diversas marcas de calçados: Melissa, Ipanema, Rider, Cartago, Zaxy, Grendha e GrendeneKids; enquanto a Enel, já muito conhecida pelos cearenses, é a geradora e distribuidora oficial e detentora do monopólio de energia nos estados Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás.

A Hapvida (HAPV3), que detém a maior participação em valor do IAC, apresenta uma desvalorização no acumulado dos últimos 12 meses de -39,27%; no acumulado do ano, de -15,51%; e mensal de -25,93%. Vale ressaltar que, mesmo com o grande influxo de capital estrangeiro no mercado de ações do Brasil desde o início de 2022, a maior parte desses recursos foi direcionada para ativos de commodities, como Petrobrás e Vale.

Ademais, como visto tanto no gráfico 3, quanto na tabela 7, mesmo com o ingresso de investimentos estrangeiros, e as altas do índice Ibovespa ao longo do ano, o desempenho das ações das empresas cearenses registradas em bolsa não se traduziu em valorização do IAC.

Tabela 7 - Retornos do Ibovespa e das empresas contidas no IAC - abril de 2022.

Tickers	Retorno mensal (%)	Retorno acumulada no ano (%)	Retorno acumulado dos últimos 12 meses (%)	Participação mensal (%)
Ibovespa	-10,10% ▼	2,91% ▲	-9,27% ▼	-
IAC	-14,46% ▼	-12,86% ▼	-27,11% ▼	100,00%
BNBR3	-0,73% ▼	-4,73% ▼	-0,63% ▼	4,74%
COCE3	0,00% ▲	0,00% ▲	-11,40% ▼	3,99%
COCE5	1,17% ▲	-6,44% ▼	-5,31% ▼	3,64%
GRND3	-5,41% ▼	9,25% ▲	15,67% ▲	8,22%
MDIA3	-3,86% ▼	-7,14% ▼	-11,08% ▼	6,28%
HAPV3	-25,93% ▼	-15,51% ▼	-39,27% ▼	45,80%
ARCE	-1,59% ▼	-18,15% ▼	-29,05% ▼	17,59%
PGMN3	-15,85% ▼	-13,16% ▼	-15,42% ▼	4,67%
AERI3	-15,86% ▼	-25,50% ▼	-45,78% ▼	3,88%
BRIT3	-22,50% ▼	-37,63% ▼	-75,86% ▼	1,18%

Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/UNIFOR.

* Data de referência: 29 de abril de 2022.

** Retornos ajustados a dividendos e desdobramentos.

Autores:

Alysson Inácio de Oliveira
 Antonio Valdeci De Oliveira Filho
 Camila Silva Barbosa
 Carlos Eduardo Silva Moura
 Catherine dos Santos Rodrigues
 Felipe Vidal de Castro Mendonca
 Iago Silveira Oliveira Silva
 Jaylla Maria Saldanha da Silva
 José Rafael de Souza da Rocha
 Lorrann Nobrega Uchoa
 Mario Victor Da Silva Soares
 Matheus Freire Barros
 Miguel Mangueira Tarabossi da Silva
 Orlando Pontes Magalhães Filho
 Rodrigo Lima Pires
 Walter Souza Machado dos Santos Junior

